

ONTO

Iargarida Fonseca Santos

A porta

A porta está fechada. Eu estou chado do lado de cá da porta. Ou rá que estou do lado de lá, que mpre estive num lado de lá, que mpre estarei?

Não liguei aos sinais, sei que io. Não liguei aos sinais que e foste deixando ao longo de nítos pedaços de vida paralelos. aminhámos na mesma direção, mbora em trajetos desligados ela proximidade desatenta que onstruímos sem zelo. Espanta- e que tenhamos caminhado par. O que foi natural antes é esnatural agora, desmedido, esentendido por mim.

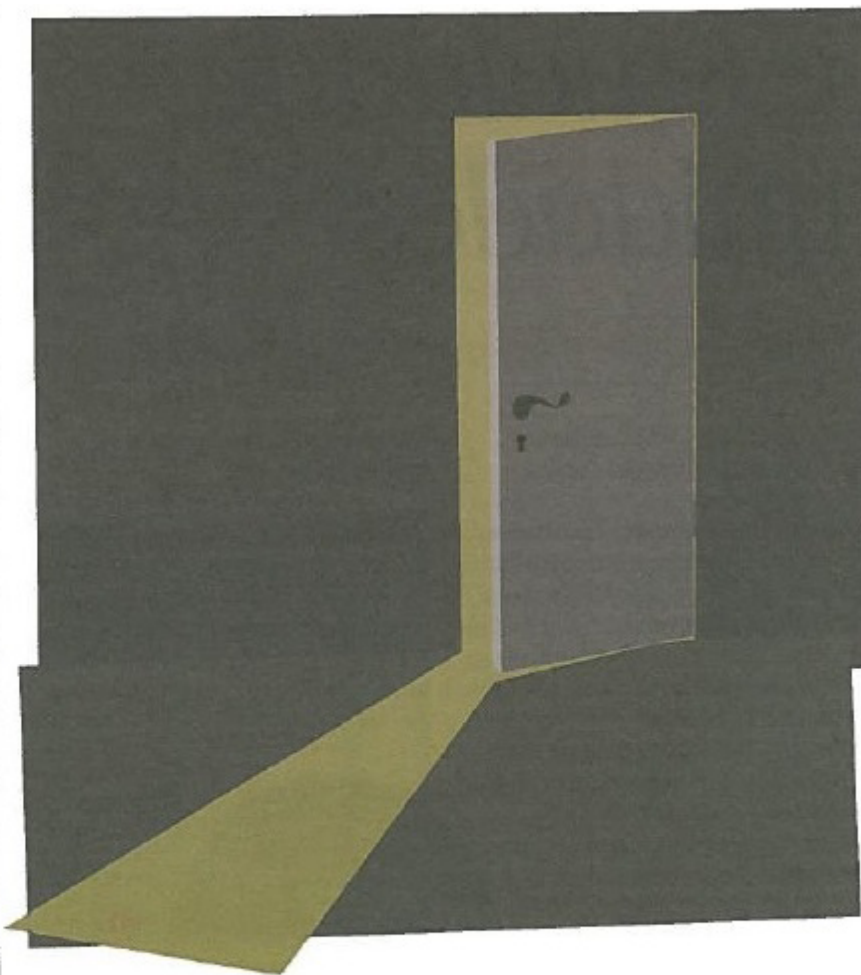
esentendo-me com o que fui em . E não me conformo.

Forço de novo a porta, sforço-me contra a porta. Não bre, nem faria sentido abrir-se, ompreendo agora. Revolto-me or só hoje isso me revoltar.

Sento-me no chão, abraço os joelhos, abraço os receios, sufoco.

Irás fazer o que imagino? Irás desimaginar-te da vida, da minha vida? Imagino-me sem rumo, num trajeto agora tão próximo de tudo, onde tu faltas em todos os pormenores. Tu, segura, imaginas-te noutro mundo, diferente deste, próximo do que pensas. A ansiedade levanta-me do chão, sacode-me contra a porta, faz-me rugir o medo. A fechadura não se decide a abrir-se, a abrir-me. Fechou-me cá fora.

Encosto a testa com demasiada frustração à madeira que ajudei a pintar, quando ainda nos desencaminhávamos juntos. E tu? Por onde pairas? As lágrimas vencem-se em mim, abatem-me, deitam-me de novo ao chão, desta vez



para nunca mais me levantar, desejo. Conforta-me saber que, ao acabares em mim, eu posso também acabar-me também, acabar-me em ti. Adormeço em pesadelos acordados, nunca

sonhados. Aquieto-me por estar sem solução.

E é o sol que me liberta do sonho. É esse mesmo sol que me atira de encontro a uma porta aberta, aberta na minha ausência



Encosto a testa com demasiada frustração à madeira que ajudei a pintar, quando ainda nos desencaminhávamos juntos.

de consciência, consciente da minha ausência dormida. Saíste. Não mais moras aqui, mas não te desligaste da terra, apenas de mim, entendo agora. O corpo não ficou como prova de teres desaparecido. Só desapareceste de mim.

Entro. Sinto-te nos cheiros, nos pormenores, nos pequenos pormenores que nunca vi e que reconheço agora como teus, que me revoltam por só agora os reconhecer como teus. Sento-me onde certamente passaste a noite à espera da minha desconsciência. E retorno à inconsciência de fazer de conta que espero por algo que não pode regressar, num sono de onde desejo nunca acordar, mas de onde sei que regressarei para cumprir, todos os dias, o caminho desencaminhado que um dia me esqueci de partilhar contigo..11.